

# **“ENTÃO BRILHA!” BLOCO DO CARNAVAL DE RUA DE BELO HORIZONTE: aproximações possíveis entre a cidade e o design<sup>1</sup>**

**Wânia Maria de Araújo (UEMG)<sup>2</sup>  
Henrique de Oliveira Neder (UEMG)<sup>3</sup>**

## **Resumo:**

Este trabalho buscará investigar as aproximações entre a cidade e o design a partir do estudo do bloco de carnaval de rua “Então Brilha” que desfila na região denominada de Baixo Centro em Belo Horizonte. A cidade é pensada aqui como um texto a ser lido como forma de compreensão das interações sociais que nela têm lugar e dos sujeitos que delas fazem parte. Observar a cidade durante o carnaval torna possível que fiquemos diante de novas cenas sociais, de reconfigurações espaciais e de uma diversidade ainda maior de atores sociais presentes nos espaços da cidade. Os blocos de carnaval independentes de Belo Horizonte surgiram a partir de 2009 e um destes blocos é o “Então Brilha!” que inicia o percurso do seu desfile na Rua dos Guaicurus, “também conhecida como a zona do baixo meretrício” (AMÉLIO, 2015, p. 238). As cores contrastantes do bloco: o dourado e o rosa, remetem ao clima alegre e criam a impressão de que todos, de alguma forma, podem brilhar. Propõe questionamentos acerca das minorias e traz à tona também a diversidade ao reunir as diferenças de maneira sobreposta num mesmo lugar: a rua. O design nesta pesquisa será compreendido como uma intervenção cultural no espaço. Isso implica pensar o design como mais um elemento que propicia mudanças no espaço e que essas mudanças podem ser lidas, compreendidas como a construção da cultura que tem a cidade como cenário e como ator. Partindo desse pressuposto já torna possível articular a cidade e seu espaço urbano com o design e, por fim, ainda conectar essa relação com o conceito de cultura. Cultura aqui compreendida como uma teia de significados, tal como enunciado pela antropologia interpretativa de Geertz (1989). Com efeito, a proposta da investigação é verificar em que medida e de que forma o design está presente na cena urbana contemporânea do Baixo Centro de Belo Horizonte durante o carnaval, em especial no bloco “Então Brilha!”. Como este bloco de carnaval, considerado também uma intervenção cultural que faz seu desfile no Baixo Centro, tem se constituído, buscado se expressar e como tem impresso marcas na urbanidade de Belo Horizonte. Para tanto, pretende-se caminhar e observar o Baixo Centro (antes e durante o carnaval) para remontar o percurso do bloco realizando anotações e registros imagéticos em relação ao design urbano, às características do percurso, aos atores sociais, às atividades presentes antes e durante o carnaval. Com isso pretende-se verificar como o Baixo Centro de Belo Horizonte se remodela em virtude da passagem do Bloco “Então Brilha” a partir das diferentes atividades, interações e atores sociais, adereços, alegorias presentes dentro do bloco, nas ruas e espaços por onde desfila contribuindo para a modificação da relação dos sujeitos urbanos com os espaços da cidade.

**Palavras-Chave: Carnaval. Cidade. Design.**

---

<sup>1</sup> “Trabalho apresentado na 31ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 09 e 12 de dezembro de 2018, Brasília/DF.”

<sup>2</sup> Professora da Escola de Design da Universidade do Estado de Minas Gerais e do PPG Gestão Social, Educação e Desenvolvimento Local do Centro Universitário Una /MG.

<sup>3</sup> Aluno do Curso de Design Gráfico da Escola de Design da Universidade do Estado de Minas Gerais. Bolsista de Iniciação Científica pela FAPEMIG do Projeto de Pesquisa “A Presença do Design no Bloco “ENTÃO BRILHA!” do Carnaval de Rua de Belo Horizonte”. Edital 08-2017 PIBIC-FAPEMIG-UEMG

## 1 Introdução

Este trabalho pretende discutir as aproximações entre o design e a cidade por meio do universo do carnaval de rua de Belo Horizonte, especialmente o bloco “Então Brilha!”. A ideia de propor conexões entre o design, a sociedade e, mais especificamente, a cidade é importante para fortalecer as conexões do campo das ciências sociais aplicadas, área na qual o design se insere. Tais conexões podem possibilitar ao designer conhecer melhor a realidade da cidade, bem como a cultura e identidade que estão presentes e perpassam os lugares, para os quais projeta os seus produtos, serviços ou experiências. Finizola (2010, p. 22) salienta que o designer pode ser pensado

“[...] como mediador do processo de interação entre produtos e consumidores, bem como de seus efeitos na sociedade. Para que esse processo possa fluir de forma harmônica e equilibrada, é fundamental que cada designer compreenda o contexto cultural onde está inserido cada usuário a fim de desenvolver artefatos mais integrados com as reais necessidades de cada povo e de seu ambiente”.

Neste trabalho, se buscará entender a afirmação de Finizola (2010) acima citada pensando não somente nos artefatos e produtos criados por designers, mas também nas experiências e serviços presentes no fazer design.

Olhar para a cidade, entendida aqui como lugar, por excelência, das interações sociais, se faz necessário para que se possa perceber as dinâmicas que ocorrem no período do carnaval e de que forma é possível encontrar o design nesse cenário de reconfigurações espaciais, sociais e políticas. O design nessa pesquisa será compreendido como mais um elemento que propicia mudanças no espaço, cujos reflexos podem ser lidos e compreendidos a partir da cultura que tem a cidade como cenário e dialoga com seus atores.

A cidade como palco do e para o carnaval, experimenta nesses dias a manutenção da ordem social tal como enunciado por Queiroz (1992) visto que os espaços centrais da cidade que contam com a presença do carnaval não transformam a ordem social vigente, pois tais espaços são apenas “emprestados” ao carnaval para que durante algumas horas ou dias se viva neles a experiência de convivência entre os diferentes e com as diferenças. Entretanto, vale ressaltar que durante o carnaval também é possível vislumbrar uma cidade “utópica” onde as diferenças estão presentes lado a lado, são e estão visíveis a todos que não as ignoram, mas compartilham com elas a alegria da festa. Sendo assim, parece que se anuncia, mesmo que fugazmente, a

configuração de uma cidade não segregada o que nos faz pensar em carnaval como festa da inversão da ordem, mas não como fusão de valores igualitários numa sociedade hierárquica conforme enunciou DaMatta (1997), mas como a vivência da ideia de cidade para todos, sem hierarquias. O que é importante ressaltar é que o carnaval de rua não oferece elementos para que seja analisado somente por esta inversão binária - manutenção da ordem ou inversão da ordem -, há interseções, possibilidades de explicitação da ordem mantida, da ordem invertida e de novas ordenações que sejam resultado mais do imbricamento das duas inversões do que a existência de uma ou outra.

Nos últimos dez anos em Belo Horizonte houve uma retomada do carnaval de rua. De maneira espontânea, cada vez mais surgem novos blocos que têm como característica a ocupação do espaço urbano e, muitas vezes, a reflexão sobre contextos sociais e os diversos atores sociais neles presentes. O “Então Brilha!” surge nesse cenário, propondo questionamentos acerca das minorias e trazendo à tona a diversidade ao reunir as diferenças de maneira sobreposta num mesmo lugar: a rua. é um bloco que desfila numa região da cidade denominada Baixo Centro iniciando seu percurso na Rua dos Guaicurus considerada “Baixo Meretrício” e terminando na Praça da Estação.

Para levantar dados relativos ao bloco, além da pesquisa bibliográfica foi realizado o percurso do bloco para observar e registrar imagneticamente o Baixo Centro fora dos dias do carnaval com os olhos direcionados aos aspectos morfológicos dos espaços da cidade por onde o bloco desfila, os atores sociais ali presentes, as formas de interação social para tornar possível identificar a relação do bloco com a cidade e o design. Buscar-se-á extrair dali informações sobre o Baixo Centro na intenção de entender de que forma se dá sua remodelação durante o período do carnaval. Adotando o conceito do olhar cartográfico, tal como pensado por Costa (2014), será proposta uma leitura da(s) rua(s) e do contexto que a(s) cerca para investigar de que forma o design está presente na cena urbana contemporânea do Baixo Centro de Belo Horizonte durante o carnaval, em especial no bloco “Então Brilha!”.

## **2 O Baixo Centro da cidade de Belo Horizonte**

De acordo com Jayme e Trevisan (2012) o Baixo Centro tem uma delimitação a mais simbólica do que física que está

[...] polarizada pela Praça Rui Barbosa e pela recente intervenção denominada Boulevard Arrudas, indo da Serraria Souza Pinto até o edifício do antigo 104 Tecidos, incluindo, ainda, equipamentos como o Viaduto de

A Praça Rui Barbosa, espaço que compõe o Baixo Centro, originalmente “tinha lugar de destaque na região central e era passagem obrigatória para quem entrava e saía da cidade” (ARROYO, 2003, p. 15), começou a ser construída no início do século XX e sofreu diversas modificações ao longo do tempo. Projetada com referências ao estilo francês, foi incorporada à rotina da cidade, abrigando comércios em seu entorno e situando os pontos de transporte coletivo. Era lugar de grande movimentação e encontro.

Com o crescimento do centro urbano e as necessidades que surgiam com essa nova realidade, novas linhas ferroviárias foram criadas, exigindo que a praça fosse redimensionada. “Seus passeios foram recortados, as árvores derrubadas e a via ferroviária recebeu, também, os trens de subúrbio, utilizados pela população de poder aquisitivo mais baixo” (TREVISAN, 2012, p. 61). A agilidade com que as transformações ocorriam na época não permitiam que se pensasse em conceitos como a preservação do patrimônio no que diz respeito à Praça. Assim como as pessoas, o espaço urbano também adaptava-se às novas transformações, adquirindo novos formatos e usos diversos.

Os avanços tecnológicos durante o início do século XX criaram uma nova realidade para o entorno. Perdendo destaque na dinâmica econômica da cidade, a região ao redor da Praça Rui Barbosa foi sendo colocada em segundo plano. Soares; Chaves; Neves; Rena (2017) lembram que “com o processo de valorização do transporte rodoviário [...] a localidade perdeu importância. As atividades industriais que ali se encontravam foram transferidas para outras partes da cidade, esvaziando suas edificações”.

Os impactos do crescimento urbano eram vistos não somente na conformação da praça, mas em todo seu entorno: o Ribeirão Arrudas, que corta o largo, também foi profundamente afetado, passando a receber volumes cada vez maiores de esgoto urbano sem tratamento. “A água limpa da principal nascente, que desce da Serra do Rola Moça [...] foi contaminada ao longo das décadas no trajeto de cerca de 40 quilômetros até chegar completamente poluída ao Rio das Velhas, em Sabará, na Grande BH” (LOPES, 2013). Mais tarde, com a canalização do rio devido ao grande volume de água nos períodos de chuva, a praça acabou ganhando uma nova configuração: as muretas de

concreto do rio criavam um abismo entre os dois pontos do largo, conforme assinala Trevisan (2012, p. 66).

A cidade continuou seu processo de crescimento e, na metade do século XX, a Praça Rui Barbosa sofreu novas modificações. “[...] Com a duplicação da Avenida dos Andradas, que corta a área da Praça ao meio, [a praça] perdeu parte dos jardins, um lago e as esculturas” (TREVISAN, 2012, p. 61). Cada vez mais, o espaço público perdia lugar para a ascensão urbana. Finalmente, em 1980, a esplanada situada em frente a Praça da Estação, deixa de ser espaço de convivência e circulação para dar lugar aos carros, que surgiam em número cada vez maior. A partir daí, o lugar passou a ser utilizado para estacionamento de veículos durante o dia.

Somente em 1995 teve início o processo de revitalização da Praça da Estação reunindo um conjunto de profissionais dedicados à recuperar sua conformação. Arroyo (2003, p. 7) salienta que “a preservação dos Centros Históricos deve ser uma operação destinada a revitalizar, não apenas os imóveis, mas, primordialmente, a qualidade de vida da sociedade que os habita”; Dessa forma, pensar na revitalização do espaço público da Praça da Estação, assim como em todo o Baixo Centro, deve considerar as diversas manifestações culturais e sociais que ali podem ser encontradas. Arroyo (2003) ainda lembra que “o desafio seria de conciliar a produção de uma imagem urbana com uma busca de construir uma forma socialmente responsável, sem violentar o que existe”.

Em 2004 foi implantado o projeto de requalificação da esplanada da Praça da Estação, criando um cenário mais convidativo à comunidade, que agora teria mais um lugar para realização de eventos e encontros. Ainda, em 2006, foi inaugurado no prédio da Estação Ferroviária o Museu de Artes e Ofícios de Belo Horizonte. Aos poucos, o Baixo Centro ganhava a atenção das lideranças da cidade para sua preservação enquanto lugar de convivência e memória coletiva da cidade.

Por meio do programa *Caminhos da Cidade*, as vias foram reordenadas de forma a considerar o bem-estar dos pedestres. Trevisan (2012) lembra que “o programa [previu] ampliação das calçadas, implantação das normas de acessibilidade, instalação de novo paisagismo, iluminação e novo mobiliário urbano, além de desobstrução e ordenamento das fachadas”, tornando o entorno mais convidativo à comunidade.

## 2.2 Baixo Centro como espaço de manifestações artísticas e políticas

Assim como houve uma movimentação formal em direção à revitalização da Praça da Estação - entendendo-a como espaço de manifestações culturais para a cidade - na intenção de torná-lo mais convidativo às pessoas, houve também manifestações espontâneas acontecendo ali. Exemplo disso é o duelo de MC's. Nascido em 2007 na porta da antiga sede do Centro de Referência da Juventude de Belo Horizonte, na Praça da Estação, e tido como “um dos mais antigos eventos da avenida Aarão Reis, sob o viaduto Santa Tereza, o duelo de MC's [é] um dos pontos de partida para essa movimentação” (FERREIRA, 2015) que modificou a dinâmica da região.

O movimento, que inicialmente contava com um público de aproximadamente 20 pessoas, ganhou destaque até mesmo por seu nascimento inusitado, conforme lembra o projeto Mapping the Commons<sup>4</sup> (s./d., s./p.):

Com as chuvas do final de ano os duelos passam a ocorrer oficialmente debaixo do viaduto santa tereza. com a consolidação do coletivo família de rua concretiza-se também o evento que vem ocorrendo então a quase 7 anos, [...] Considerado o maior local de encontro da diversidade na cidade, traz a tona questões permanentemente ignoradas pela tradicional família mineira como o uso de drogas e dos moradores de rua.

Cada vez mais constantes se tornam as apropriações do espaço urbano pela comunidade. Muitas delas, inclusive, motivadas por uma posição política e de resistência, como é o caso da Praia da Estação. Quando, em dezembro de 2009, o então prefeito da cidade Márcio Lacerda proibiu o uso da Praça Rui Barbosa através do decreto nº 13.798, a população respondeu. Motivados pelo discurso da liberdade coletiva e pela força dos movimentos sociais foi criado o evento Praia da Estação, que reunia diversão, resistência política e coletividade, lembra Trevisan (2012). Para Ferreira (2015), o evento “chegou como protesto e se estabeleceu como marco cultural”, o que evidencia o impacto da atuação da população na conformação da cidade. “Os encontros semanais para banho de sol foi a maneira pela qual a dissidência política em oposição à política higienista de Lacerda expressa-se com muito bom humor, juventude e crítica social” (AMÉLIO, 2015, p. 237).

---

<sup>4</sup>Disponível em <<http://mappingthecommons.net/pt/belo-horizonte/>>. Acesso em 23 set. 2017.

De certa forma, pode-se pensar que as próprias manifestações que ocorrem na cidade configuram a construção da própria cultura e dão cara ao espaço urbano. Arroyo (2003, s./p.) resume:

Mesmo diante da segmentação e massificação da cultura global a relação mútua entre cidade e cidadãos sempre está presente e é no reconhecimento desse processo que se reconhece também a tensão cultural que por sua vez produz o espaço, os serviços e sua forma de ocupação. Assim, os protestos sociais, as mobilizações culturais formam novos valores, educam os cidadãos e a própria cidade.

### **3 O carnaval de Belo Horizonte**

A primeira manifestação documentada do carnaval em Belo Horizonte aconteceu em 1897, próximo à sua inauguração. Apenas alguns foliões compunham o que seria o início de uma tradição para cidade. Desde já, a celebração popular começou sua história pelas ruas do centro histórico, “quando homens vestidos de mulher desfilaram atrás de carroças da Praça da Liberdade até a Avenida Afonso Pena” (PBH, 2007). Nas primeiras décadas, as poucas famílias que tinham condições de ter um carro de passeio e queriam reafirmar o status social passavam pela cidade ao som de músicas alegres e jogando serpentina nos foliões que desfilavam a pé.

“No final da década de 40, iniciaram-se as batalhas de confetes e os bailes populares” (PBH, 2007). Nessa época surgiram também os blocos caricatos, que até hoje marcam presença nas festividades do carnaval da cidade. Entre eles, a Banda Mole e o Inconfidência Mineira destacam-se por serem os precursores. O carnaval de Belo Horizonte já mostrava que conseguia mover multidões.

No início da década de 1980 a Prefeitura de Belo Horizonte, através do Decreto Municipal nº. 3.676/1980, oficializou o carnaval da cidade, criando competições com prêmios para os blocos vencedores. Essa proposta durou até o final da década de 1990, quando “foram praticamente suspensos. O Carnaval passou a ser comemorado nos bailes populares nas administrações regionais” (PBH, 2007) até o ano de 2000, quando foi promulgada Lei Municipal que mais uma vez oficializou o Carnaval de Belo Horizonte sob responsabilidade da Prefeitura Municipal. A partir daí, à exceção do ano 2003 (devido ao excesso de chuvas no período, regiões periféricas da cidade foram severamente afetadas e a Prefeitura decidiu destinar a verba que seria investida no

Carnaval às vítimas da enchente) a cidade retomou suas festividades nas ruas, agora promovidas pelo município.

Todo esse planejamento pela Prefeitura, no entanto, não excluiu as manifestações de rua no período do carnaval. Pelo contrário, conforme narra Autofocus (2016), os blocos de rua puderam ser vistos desde o início da história do carnaval da cidade:

É interessante pois é um movimento cíclico. Os blocos promoviam uma festa que não agradava as autoridades, que definiam a cidade planejada. Para pesquisar tais atividades é até curioso: enquanto busco em relatos oficiais e nos jornais da época as festas das sociedades carnavalescas, as atividades nas periferias só aparecem em ocorrências policiais (PEREIRA FILHO, 2016 *apud* AUTOFOCUS, 2016, p. 2).

Ainda que não participem da distribuição do orçamento oficial destinado ao carnaval, os blocos de rua não vêem ali um impedimento às comemorações. Amélio (2015, p. 237) lembra que “na maioria dos blocos há financiamento coletivo e voluntário para arcar com despesas geradas pelo aluguel dos locais de ensaio quando não são realizados na praça ou em locais cedidos”. Assim, surgiu um movimento contra a corrente: os participantes se organizaram e criaram os blocos de rua que conquistaram espaço no carnaval da cidade. “Ocupar o espaço público é um ato político; é cívico; é urbano; é muito divertido” (informação verbal)<sup>5</sup>. DaMatta (1997, p. 90) resume bem: “a rua indica basicamente o mundo, com seus imprevistos, acidentes e paixões”.

Como ramificações de um rio, os blocos de carnaval independentes de Belo Horizonte surgiram a partir de 2009 de forma espontânea e, muitas vezes, sem a consciência da proporção que viriam a ganhar. Esse movimento teve impactos para além do questionamento acerca da utilização da Praça da Estação. Sua importância é percebida quando se nota as diversas manifestações que ali acontecem e que ganharam força com o reconhecimento do poder popular. Amélio (2015, p. 242) salienta:

A defesa do carnaval revolução é presente nos blocos [de rua], [...] entendendo como revolução além da contestação contra a política conservadora do atual prefeito, a revolução pela cultura (em respeito aos direitos dos segmentos sociais menos favorecidos, pró-amor LGBT, pró-direitos das profissionais do sexo, negros, mulheres, moradores de periferias, candomblecistas, Hare Krishna, entre outros não menos importantes que manifestam a vontade popular por novas maneiras de ser e estar no mundo)

---

<sup>5</sup> Informe repassado por Priscila Musa, arquiteta, fotógrafa e frequentadora da Praia da Estação em entrevista ao canal Imagina Coletivo. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=5354OiTR07E>>. Acesso em 23 set. 2017.

A partir de então, diversos blocos fazem uso da Praça da Estação para festejar e reivindicar. Um destes blocos é o “Então Brilha!”, objeto desta pesquisa que ganha destaque no carnaval da cidade. Seu hino (“entre nessa onda, gente é pra brilhar”) dá o tom que orienta aqueles que o lideram e os foliões conscientes de sua história. Cruz (2017) resume: “um dos blocos mais queridos do carnaval de Belo Horizonte, o Então, Brilha! conquistou muita gente pela proposta de misturar homem, mulher, negro, branco, cis e trans, héteros e gays, pobre e rico”. Toda essa diversidade é evidenciada logo no nome, que “faz um brincadeira com a estrela do jogo eletrônico Super Mário Bros e é, ao mesmo tempo, uma referência a um poema do poeta russo Vladimir Maiakovski” (RODRIGUES, 2017). A miscelânea de informações remete ao perfil inclusivo do bloco, que milita em favor da diversidade.

Tendo início em 2010 no Rio de Janeiro, o Então Brilha! começou sua história de forma despretensiosa. Uma ala de rua formada por amigos que acabou chamando a atenção no carnaval carioca. A ideia foi tão boa que os organizadores, mineiros, resolveram trazê-la para Belo Horizonte. “No ano seguinte, essas pessoas se organizaram para desfilar na capital mineira, onde a folia com blocos de rua voltava a ganhar força” (RODRIGUES, 2017).

O bloco percorre o Baixo Centro iniciando seu desfile na Rua dos Guaicurus, “também conhecida como a zona do baixo meretrício” (AMÉLIO, 2015, p. 238). Nela, é nítida a presença de profissionais do sexo, mendigos e vendedores ambulantes. Definitivamente a região onde o bloco circula não se configura como ponto turístico da cidade. Rodrigues (2017) comenta sobre a decisão de o bloco sair dali, dizendo que “a escolha pela Rua Guaicurus como ponto de partida é um desdobramento do discurso dos integrantes do bloco em favor da inclusão das minorias. Eles também se colocam contra o preconceito, o machismo e a homofobia”. A todo momento, o discurso em defesa dos marginalizados pela sociedade é colocado em evidência.

As cores contratantes do bloco o dourado e o rosa remetem ao clima alegre e criam a impressão de que todos, de alguma forma, podem brilhar. Propondo questionamentos acerca das minorias, o bloco traz à tona também a diversidade ao reunir as diferenças de maneira sobreposta num mesmo lugar: a rua. A diversidade encontra os “milhares de foliões, que não pestanejam acordar cedo para brincar na famosa rua do baixo meretrício, mas também não menos alijada por abrigar as profissionais do sexo, figuras com quem as cidades costumam ter relações controversas” (CRUZ, 2017). Nada mais apropriado do que a rua para abrigar tamanha diversidade:

Como o desfile carnavalesco reúne um pouco de tudo - a diversidade na uniformidade, a homogeneidade na diferença, o pecado no ciclo temporal cósmico e religioso, a aristocracia de costume na pobreza real dos atores -, ele remete a vários sub universos simbólicos da cidade brasileira, podendo ser chamado de um desfile polissêmico (DaMATTA, 1997, p. 59).

Abraçando a ideia da inclusão, o bloco tem como tema a frase ‘gente é pra brilhar’, e apoia a ideia de que “todas as pessoas merecem e têm o direito de se divertir nessa época, independente de classe social, de raça ou cor” (informação verbal)<sup>6</sup>. Dessa forma, como bem lembra Amélio (2015), a diversidade é uma constante não somente durante o desfile, mas em todos os ensaios anteriores à ele: gênero, sexo, identidades, orientação sexual, etc., tudo se mistura para compor o que hoje é um dos blocos com maior adesão em Belo Horizonte. É justamente a diferença a peça chave que dá cara ao bloco “Então Brilha!”, que trata com irreverência assuntos que são tabus para grande parte da sociedade.

A ideia é aproveitar o clima de festividades e a descontração própria do carnaval para evidenciar a pluralidade. É abraçar as diferenças em prol de uma construção coletiva. Visto de longe, não se percebe o indivíduo separado dentro do bloco, mas a massa - rosa e dourada - a qual ele faz parte. DaMatta (1997) assinala que “Os grupos carnavalescos desfilam [...] de modo que a observação de sua marcha é uma visão de movimento e dinamismo, com cada participante realizando um gesto diferente do outro dentro de um conjunto de passos convencionais” (DaMATTA, 1997, p. 59).

O bloco, o “Então Brilha!” também ousou, trazendo “inovações ao carnaval da capital, como incluir o axé para o repertório, introduzir aparelhagem de som e, com o crescimento, desfilar com trio elétrico” (CRUZ, 2017). Incluindo músicas do repertório baiano em Minas Gerais o bloco faz renascer a questão da brasilidade de forma irreverente ao trazer um pouco dos outros pontos do país para dentro da capital mineira.

#### **4 Design: breves considerações sobre o termo**

Conforme já mencionado neste texto, o design nesta pesquisa será compreendido como uma intervenção cultural no espaço, será assim pensado como mais um elemento

---

<sup>6</sup> Informe repassado por Di Souza, maestro do bloco Então Brilha ao repórter do programa Conexão Futura Cristiano Reckziegel. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=NhF3ScIzroU&t=5s>>. Acesso em 23 set. 2017.

que propicia mudanças no espaço e que essas mudanças podem ser lidas, compreendidas como a construção da cultura que tem a cidade como cenário e como ator. Vale aqui discorrer, mesmo que brevemente, em torno destas considerações para compreender melhor o design.

De acordo com Ferrara (2003, p. 196)

Se você toma o design como predicativo, como qualificativo, ele é intervenção cultural. Nesse momento o design se caracteriza como produção cultural material formal e informal também. O lugar, por exemplo, é uma produção cultural informal do espaço. Não se tem uma característica material do lugar no espaço. Daí a diferença do desenho e do design. O design é predicativo e o desenho é substantivo. O design é qualidade cultural do espaço

Partindo destas considerações de Ferrara (2003), uma pista em torno da relação entre design e cidade se faz presente, visto que torna-se possível identificar o design nas características culturais do(s) espaço(s), no caso específico aqui em questão, das ruas da cidade por onde desfila um bloco de carnaval. O design está presente na cidade e marca suas ruas, por exemplo, com o mobiliário urbano - seus bancos, suas paradas de ônibus, a estação do Metrô - e com os grafismos e grafites que nelas se encontram fazendo com que tais espaços tenham suas próprias características culturais diferenciando-o de outros espaços da cidade. Isso pode ser observado no Baixo Centro de Belo Horizonte pelas ruas onde o “Então brilha!” desfila, pois as várias formas de linguagens visuais presentes nos muros e paredes destas ruas desvelam as marcações de diferentes grupos sociais em diferentes momentos no tempo.

Vários são os autores<sup>7</sup> que discorrem sobre o design destacam como sua característica o ato de projetar para o outro, seja objetos, serviços, ambientes, linguagens visuais. Não importa a especificidade do design (produto, gráfico, ambientes) sua atenção se volta para o outro e, conseqüentemente, para o contexto onde vivencia seu cotidiano.

O design é um campo que revela as mudanças, os hábitos e estilos de vida do homem, bem como a produção estética e cultural em um processo entrecruzado com o tempo. [...] além de incorporar mudanças tecnológicas e conceituais, retoma a importância do usuário/sujeito no processo e na sua relação com o objeto projetado, fortalecendo a área no sentido de campo expandido (MOURA, 2015, p. 78)..

Aqui, uma outra pista sobre a relação entre o design e a cidade por meio do bloco “Então Brilha!” se delinea, visto que o cenário citadino é formado por vários

---

<sup>7</sup> Papanek (1972); Cardoso (1998, 2015)

outros que participam de processos criativos que envolvem o design e/ou pelos produtos, serviços e ambientes que são projetados pelos designers e estão presentes nas ruas da cidade, inclusive no Baixo Centro de Belo Horizonte.

O ato de projetar, de criar, algo novo para responder a uma necessidade ou mesmo para reconfigurar uma situação, é segundo Friedman (2002) uma ação do design. Materializar ideias, promovendo-as no campo do planejamento para uma materialidade também pode ser pensado como característico do ato de fazer design (CARDOSO, 1998). É importante ressaltar que estas características, na maior parte das vezes, se aplicam ao design que produz objetos, linguagens visuais e ambientes numa esfera macro, numa produção industrializada. No cotidiano dos atores sociais para serem e existirem numa cidade não necessariamente é com este “design industrializado” que se deparam nos seus percursos diários, ou seja, o design na cidade não se faz presente somente por meio produtos industrializados. Com efeito, o que se pretende destacar com estas reflexões é que o design pode estar presente no cotidiano dos atores sociais inseridos em um contexto para além destes produtos e serviços industrializados, pois conforme enunciado acima, o design como planejamento, como intervenção cultural no espaço, como possibilidade de reconfiguração, de ressignificação de espaços, lugares, serviços, experiências, pode ser identificado e estar presente em blocos de carnaval, por exemplo, bem como outras manifestações coletivas na cidade que reconfiguram, ressignificam seus espaços.

O trabalho com a concepção-criação-produção em design é, principalmente, pensamento e ação projetual, independentemente do segmento ou subárea. Ou seja, o profissional designer pode atuar em qualquer um desses segmentos, bem como em qualquer área de criação e desenvolvimento de produtos, objetos e sistemas. A ação do designer na contemporaneidade é ser, sobretudo, um tradutor de signos e linguagens do seu tempo. [...] Se o design contemporâneo se constrói por meio de expressões, projetos e produtos que compreendem uma dinâmica diferenciada e ampla, cada vez mais se estabelece a relação do design com outras ciências e conhecimentos como resposta à complexidade da vida do usuário, o ser humano dos tempos atuais pensado em sua pluralidade e diante da diversidade (MOURA, 2015, p. 71).

Além dessas questões se faz relevante ressaltar que na ação de projetar, criar e, conseqüentemente, lançar um novo produto ou reformular, reconfigurar produtos, sistemas, ambientes uma característica do design aí implícita é a atribuição de sentidos e significados colados aos usuários e contextos onde se inserem. Daí a explicitação da conexão com a materialização das ideias abstratas. Conforme salienta Cardoso (1998, p. 19)

o design se encaixa em um fenômeno humano bem mais abrangente: o processo de projetar e de fabricar objetos. Do ponto de vista antropológico, o design é uma entre diversas atividades projetuais, tais quais as artes, o artesanato, a arquitetura, a engenharia e outras que visam a objetivação no seu sentido estrito, ou seja, dar existência concreta e autônoma a idéias abstratas e subjetivas.

Esta ação de materializar sentidos também pode ser tomado como pista para reflexão aqui proposta, pois a cidade é recoberta de significados e sentidos “consumidos” por seus moradores, transeuntes, turistas que também contribuem no seu ir e vir para reiterar estes sentidos e significados, bem como contribuir para sua alteração, reconfiguração. Como se o ato de criar, reconfigurar, conferir sentidos, tão peculiares ao design pudesse ser transposto para a ação do cidadão comum na sua relação com a cidade. Os cidadãos nos seus atos de experimentar a cidade contribuem para o seu desenho e redesenho na medida em que dela participam, ocupando seus espaços e imprimindo suas marcas sejam elas fugazes, fluidas, imprecisas ou mesmo aquelas que materialmente reconfiguram espaços e as interações sociais que neles acontecem. Com estas reflexões em mente é que se parte para pensar o design, a cidade, o carnaval e o “Então Brilha!”

#### **4.1 O Design, o Carnaval, a Cidade**

De maneira singular, o carnaval é objeto de estudo da construção da cultura de um povo na medida que reflete seu hibridismo, sendo rica fonte de pesquisa acerca dela. “Como o desfile carnavalesco reúne um pouco de tudo [...] ele remete a vários subuniversos simbólicos da sociedade brasileira, podendo ser chamado um desfile polissêmico” (DaMATA, 1997, p. 59). Estudá-lo pode ser matéria-prima ao designer que busca conhecer a sociedade para a qual projeta. Hernández (2014) resume: “É importante que o design tenha a sensibilidade de olhar para a essência da humanidade presente nestes tipos de manifestações, na sua ampla diversidade [...]”.

Pensar o design e o carnaval constitui-se em um exercício para o designer e o design se debruçarem sobre uma cidade e uma de suas manifestações culturais. Finizola (2009) assinala que o design, por meio de seus produtos e serviços, torna-se uma manifestação da cultura de cada povo na medida em que assume seu poder de influenciar a construção da própria cultura coletiva. Além disso, Villas-Boas (2009) menciona que todo projeto de design acaba expondo o contexto simbólico no qual se faz presente. Consequentemente, conforme enuncia Moura (2015, p. 73), o “pensar a

respeito do homem, da sociedade na qual ele vive em suas subjetividades e diversidades, também passa a ser uma das ações do designer na contemporaneidade”. É importante, então, que haja o cuidado de se buscar um design que represente a identidade de cada povo, considerando suas demandas e características próprias. Finizola (2009, p. 33) observa:

[...] observando a recente produção brasileira de design, notamos que ela reflete o grande caldeirão cultural que representa nosso país, formado pela mistura de índios, negros e europeus, entre tantos outros imigrantes, dos mais diversos países, que aqui aportaram. A nossa identidade reside justamente nessa grande mistura de estilos que coexistem no nosso extenso território. A circularidade cultural favorece essa rica troca de experiências entre essas culturas, permitindo que, por vezes, o erudito se torne popular, e que o popular seja assimilado pela linguagem oficial, tornando-se também erudito.

Outro ponto a se destacar em relação ao carnaval como recurso para a formação do designer é seu caráter pluralista. Benz (2015, p.37) destaca que “o desfile de uma escola de samba é per se, uma prática inter e/ou transdisciplinar, assim como o design”, concluindo que “poderia se tornar uma possibilidade para os designers adquirirem novas formas de perceber, conhecer e agir em outras perspectivas” (BENZ, 2015, p. 37). Sendo o carnaval de rua de Belo Horizonte uma festa coletiva organizada pelo próprio povo, tem em sua essência a troca de saberes, experiências e conhecimento, prática também explorada pelo campo do design.

Essa troca de experiências, culturas e vivências, tão características do carnaval, é também realidade no campo do Design. Prevista nas Diretrizes Curriculares<sup>8</sup>, a interdisciplinaridade se faz base para a construção de um saber expandido. Entender o estudo do Design como uma busca que utiliza-se de ferramentas formais e populares para a elaboração de soluções - visuais ou tácitas - é abrir o leque para o conhecimento. A própria manifestação do carnaval é, por si, uma prática interdisciplinar, assim como o design, lembra Benz (2015), e pode permitir se enxergar a cidade sob as suas diversas perspectivas.

Discorrer sobre essa pluralidade, no entanto, requer que se pense na interdisciplinaridade como uma troca que também acontece no cotidiano, decorrendo “mais do encontro entre indivíduos do que entre disciplinas” (FAZENDA, 2012 apud BENZ, 2015, p. 82). Sob essa perspectiva, a interdisciplinaridade se dá na convergência de saberes, visto que o carnaval congrega pessoas de diversos nichos sociais, culturais e

---

<sup>8</sup> Resolução Nº 5, de 8 de março de 2004 pelo Conselho Nacional de Educação

econômicos numa troca constante. Assim, o processo do design se aproxima ao carnaval na medida em que se preocupa com a simbiose de conhecimento. Benz (2015, p. 41) resume:

[...] como a área do design costuma agregar conhecimentos externos a seu corpo teórico e prático, uma pesquisa aprofundada das comissões de carnaval pode ser de grande valia para a criação de novas possibilidades de ensino de competências como o diálogo e colaboração entre os designers.

Compreender a diversidade de signos, significados e sentidos que se fazem presentes na cidade - sua inversão e/ou ressignificação no período do carnaval - pode se tornar ferramenta no campo do design na medida em que o aproxima do público alvo (as pessoas) para o qual projeta. “Os signos constituídos na apropriação dos espaços ao longo do tempo é que dão forma e vida aos lugares da cidades, lugares do trabalho, do lazer, da vida política, da história, da memória” (ARROYO, 2003, s./p.). Estudar a cidade pode ser, nesse sentido, um movimento de aproximação entre o design e a sociedade que consome as suas entregas, permitindo maior assertividade na tomada de decisões ao longo dos projetos. Finizola (2010) exemplifica dizendo que “optar por utilizar uma linguagem visual com influências locais pode maximizar o processo de comunicação em determinada comunidade”.

O carnaval de rua de Belo Horizonte, como citado anteriormente, teve uma efervescência a partir do ano de 2009, e foi muito ligado aos fatores culturais e políticos que compunham o cenário da época. Exemplo de bloco de carnaval que teve sua trajetória marcada pelo cunho político foi o Praia da Estação que resultou de um evento de mesmo nome criado em 2009. De acordo com Araújo e Mello (2012) a Praia da Estação se constituiu, inicialmente, como um movimento social que teve sua primeira ação em Belo Horizonte no ano de 2010, no mes de janeiro. A motivação desta ação foi o nº 13.798<sup>9</sup> publicado pelo prefeito Márcio Lacerda em dezembro de 2009 que proibia a realização de eventos de qualquer natureza na Praça da Estação em Belo Horizonte. A divulgação do referido decreto só ocorreu em janeiro de 2010 e pelas redes sociais houve um chamamento, por parte da população jovem da cidade para um encontro na Praça da Estação no dia 07 de janeiro de 2010 no intuito de repudiar o decreto nº 13.798. Esta manifestação contou com pouco mais de cinquenta pessoas, mas em seguida houve mais uma chamada para fazer a Praia da Estação. “A ideia era, a partir de uma ação de cunho estético, trazer de alguma forma essa discussão à tona” (BLISSET<sup>10</sup>,

---

<sup>9</sup> Cf. <http://pracalivrebh.wordpress.com/2010/01/>

<sup>10</sup> Banhista da Praia da Estação e integrante do Coletivo Conjunto Vazio.

2011 *apud* ABREU, 2011, p. 17). Foi após esta chamada que em 16 de janeiro de 2010 aconteceu a primeira Praia da Estação cuja ação constitui-se da ocupação da Praça da Estação pelos manifestantes que usavam trajes de banho e protetor solar como forma de protesto ao decreto municipal. Durante a manifestação havia um caminhão pipa para lançar água aos participantes e fazer as vezes de mar na praça.

“[O] bloco Praia Da Estação contagiou a cidade ao som de sua entusiasmada bateria tocando diversos ritmos brasileiros, como, o frevo e o Axé, e principalmente, marchinhas de carnaval” (AMÉLIO, 2015, p. 238) trazendo não só alegria aos foliões que o acompanham, como também uma crítica política que estimula as pessoas a participarem ativamente da gestão da cidade.

Palco dos desfiles e lugar de encontros - ideias, pessoas, culturas... -, a rua torna-se também protagonista na medida em que assume uma forma própria (e temporária) quando o bloco por ali passa. Pessoas de diferentes grupos etários, de diferentes lugares da cidade, de diferentes profissões encontram-se no mesmo espaço, no mesmo bloco de carnaval e acabam por instaurar novas formas de interações sociais.

#### **4.2 O Design e o bloco “Então Brilha!”**

O percurso do bloco “Então Brilha!” no sábado de carnaval é realizado no Baixo Centro de Belo Horizonte saindo da rua Guaicurus em direção à Praça da Estação. Perceber de que forma esse trajeto influencia e é influenciado pela passagem do cortejo é um ponto importante a ser discutido. Questões emergentes como o machismo, a homofobia, o racismo e preconceitos são colocadas no coração da cidade: e isso se dá inclusive de forma literal já que a Praça da Estação “já foi pensada como centralidade” (ARROYO, 2003, s./p.) desde a sua criação.

Sendo um bloco de carnaval que reúne ideias, pessoas e culturas diferentes que se comunicam em um espaço conjunto, é possível pensar no “Então Brilha!” como uma manifestação da diversidade presente na cidade. Dessa forma, a própria pluralidade presente no bloco, por si só, já comunica-se com a ideia do design, visto que “uma das características que constroem o design contemporâneo é a diversidade, que dinamiza e possibilita a relação e criação de poéticas” (MOURA, 2015, p. 62). Perceber que, durante o cortejo, o bloco consegue comunicar-se com grupos diversos e convidar culturas diferentes à somarem a alegoria é entender a força que esse movimento tem na cidade. As ruas por onde passa, normalmente frequentadas por um público específico da

cidade - a periferia - ganham novo formato e, assim como ocorre no design, aceitam o desafio de conversar com a sociedade.

Com um olhar perspicaz, o designer gráfico se coloca no papel de observador atento do seu entorno e busca registrar, em sua obra, peculiaridades do ambiente em que está inserido, assim como fragmentos fotográficos da produção efêmera e espontânea de “designers” anônimos provenientes do povo, antes que se percam na fugacidade e no movimento de constante metamorfose das metrópoles. Esse designer é capaz de enxergar a riqueza que se esconde nos detalhes dos microcosmos que constituem as cidades e periferias, promovendo, por meio de seu trabalho, o registro da cultura e hábitos (FINIZOLA, 2009, p. 32).

As fantasias utilizadas pelos foliões e, em geral, criadas por eles mesmos, também podem ser objetos de atenção do design. Perceber que objetos do cotidiano adquirem novos significados, dão vida ao imaginário popular, permitindo com que o lúdico converse com o real, que ideias, sentidos do campo abstrato conversem e transmutam-se no concreto por meio das fantasias, alegorias e musicalidade presentes no “Então Brilha!”. Perceber os signos e a transcrição que se dá no período do carnaval é matéria-prima para o designer que busca compreender as dinâmicas sociais. Cardoso (2016) assinala que os artefatos e suas formas não têm um significado fixo, visto que são expressões de um processo de significação que realiza uma troca entre a materialidade e o que a experiência em torno dela nos permite apreender. O figurino do bloco, predominantemente dourado e rosa, caracteriza a sua passagem pelas ruas, e literalmente deixa um rastro brilhante - de purpurina - pela cidade.

O bloco enfeita e colore as ruas do Baixo Centro e os foliões contribuem sobremaneira para este ato de enfeitar e colorir a cidade. Realizam estas ações como forma de expressão de seus desejos de foliões que, por vezes, vão além da simples alegria de se fantasiar para brincar o carnaval. Muitos foliões se valem das fantasias como uma ação política de afirmação identitária, como forma de abraçar a diversidade presente no bloco. Sendo assim, é possível reiterar a ideia de que afirmações identitárias são realizadas no espaço social, seja ele público ou privado, enunciando que as reconfigurações dos corpos dos cidadãos presentes no bloco ocorre por meio das fantasias ou mesmo do não uso de fantasias para que durante o desfile novas interações sociais se estabeleçam, velhas formas de interação se reforcem. Há espaço para ser e existir sem preocupações em torno do permitido, aceitável ou considerado padrão, pois isto pode conviver com diversas outras possibilidades de ser e existir na cidade. Os cidadãos podem se reinventar ou reiterar quem são para existirem no carnaval conferindo os mais diversos sentidos ao seu desfile no “Então Brilha!”.

O diálogo possível com o design e o bloco “Então Brilha!” pode estar, entre outras possibilidades, em seu percurso que foi planejado e criado a partir dos organizadores do bloco que voltaram a atenção para a rua Guaicurus, lugar de atuação de profissionais do sexo, da prostituição nos hotéis, nas esquinas como ponto de partida para o bloco. Há planejamento e criação para definição do percurso do bloco, local de saída, local de chegada.

A concentração é marcada para às quatro horas da manhã do sábado de carnaval para que o bloco possa sair antes das oito horas e contar com a presença das prostitutas, travestis e demais profissionais do sexo e da noite. Dentre outras questões, este espaço da cidade se reconfigura como palco do carnaval e com a presença da diversidade de pessoas como também da diversidade de lutas políticas e sociais que estão presentes no bloco. Há reconfiguração de ruas do Baixo Centro de Belo Horizonte que ficam recobertas por novos sentidos com a diversidade de pessoas (foliões, ambulantes, os comerciantes locais, trabalhadores etc) que instauram novas formas de interação social ou mesmo reiteram aquelas do cotidiano dos espaços por onde passa o bloco. Há atribuição de novos sentidos e significados aos espaços e aos acontecimentos que abrigam durante o desfile.

## **5 Considerações Finais**

De acordo com Fortuna (2018) andar pela cidade pode parecer anacronismo em tempos de deslocamentos rápidos, mas foi assim, andando pela cidade em dias sem carnaval que se buscou ler e cartografar a cidade. Foram realizadas observações e por meio delas foram identificadas e coletadas informações sobre a presença do design no Baixo Centro de Belo Horizonte, nas ruas por onde ocorre o desfile do bloco “Então Brilha!”.

Coletar estas informações fora do carnaval, detendo-se nas características morfológicas das ruas, nas dinâmicas cotidianas das interações sociais entre os diversos atores e suas apropriações, ocupações de pedaços, esquinas, calçadas, empenas de prédios<sup>11</sup> já forneceria elementos para se pensar a relação entre o design e a cidade, visto que já seria possível identificar características do design e do fazer design presentes no cotidiano das ruas (mobiliário urbano, grafites, pichações, paradas de

---

<sup>11</sup> Existe em Belo Horizonte, desde 2017 o projeto CURA que grafita empenas de prédios localizados na área central da cidade incluindo o Baixo Centro.

ônibus, estação do metrô entre outros) marcando as interações sociais. Entretanto o propósito foi pensar esta relação por meio do bloco de carnaval. Como o bloco sairá novamente em 2019, as reflexões que aqui se enunciaram em torno da relação, design, cidade, bloco de carnaval de rua, são fruto de observações assistemáticas realizadas durante o cortejo do “Então Brilha!”<sup>12</sup>.

O que se observou antes e fora do carnaval foram as ruas do Baixo Centro marcadas por um movimento de pessoas e meios de transporte em seus percursos diários para, como já dito, ser e existir na cidade. O mobiliário urbano, muitas vezes, degradado pelo tempo ou pela ação dos indivíduos, é marcado também por apropriações e ocupações realizadas pelos moradores de rua, pelos vendedores ambulantes ou por um transeunte que decide ali permanecer para uma pausa durante o dia. O comércio formal do Baixo Centro convive, como em outras áreas da cidade, com o informal. As interações sociais cotidianas fora do carnaval são pautadas pela desatenção civil, tal como enuncia Goffman (ano). Diferentes horários do dia e em diferentes dias da semana, as dinâmicas sociais dos diversos atores participantes do cenário do Baixo Centro se modificam, ora mais intensas em número de pessoas e automóveis, ora menos, mas sempre perpassadas pelo mobiliário urbano das ruas e da Praça da Estação que são experimentados, vividos e, por vezes, reconfigurados com novos sentidos de uso. Isso reforça a ideia de que o design que está presente no cotidiano do Baixo Centro contém as marcas da história da cidade e dos seus atores e não se restringe aos objetos, produtos, serviços, ambientes, sistemas produzidos em larga escala.

Durante o desfile do carnaval a morfologia das ruas é a mesma, porém observa-se novos atores e novos usos aos elementos do design presentes neste percurso. As ruas se colorem com o desfile e se transformam em palco para os foliões, o trânsito de ônibus e automóveis é impedido e uma multidão de pessoas segue o bloco no trajeto que se desenha desde a rua Guaicurus até a Praça da Estação. Os novos atores sociais trazidos pelo bloco não são os transeuntes cotidianos desta região da cidade, mas dela se apropriam para viver o carnaval, novos produtos são comercializados pelos vendedores ambulantes que oferecem bebidas - alcoólicas ou não - até produtos para uma fantasia improvisada ali mesmo durante o desfile. a multidão que acompanha o bloco é diversa em cores e amores. Como já mencionado o “Então Brilha!” abraça a causa da diversidade. Outro ponto a se destacar é relativo aos artefatos produzidos pelos foliões

---

<sup>12</sup> O projeto de pesquisa foi escrito em outubro de 2017 e o resultado do edital 08/2017 só foi divulgado depois do carnaval de 2018.

para o desfile - fantasias, alegorias - que dão margem para se pensar o design vernacular, aquele produzido espontaneamente, mas que também é fruto do planejamento, criação e reconfiguração.

O caminhar pela cidade antes do carnaval continua junto com a espera por caminhadas ou melhor, pelo desfile do “Então Brilha!” em 2019 para a organização de novas observações e imagens.

## REFERÊNCIAS

AMÉLIO, Ródinei Páscoa. Carnaval de rua de Belo Horizonte 2015: uma experiência etnográfica, **Revista Observatório da Diversidade Cultural**, v.2, n. 1, p. 234-242, 2015.

ARAÚJO, Wânia Maria de; MELLO, Ediméia Maria Ribeiro de. Movimentos Sociais: reflexões sobre o século XX e as conexões possíveis com as experiências do século XXI. In: MACHADO, Lucília Regina de Souza; AFONSO, Maria Lucia Miranda (orgs.). **Gestão social, educação e desenvolvimento local: instrumentos para a transformação social**. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

ARROYO, Michele Abreu. Reabilitação Urbana Integrada e a Centralidade da Praça da Estação. In: **XI Congresso Brasileiro de Sociologia**. Unicamp, 2003, Campinas.

AUTOFOCUS. **Veja 50 fotos que contam a história do Carnaval em Belo horizonte**, 2016, Disponível em <<http://blogs.uai.com.br/autofocus/veja-50-fotos-que-contam-a-historia-do-carnaval-em-belo-horizonte/>>. Acesso em 23 set. 2017.

BENZ, Ida Elisabeth. **Colaboração interdisciplinar no design: práticas criativas das escolas de samba como um exemplo possível**. Interdisciplinaridade. Revista do Grupo de Estudos e Pesquisa em Interdisciplinaridade, [2015?], v. 1, p. 32-43, 2015.

CARDOSO, Rafael. **Design para um mundo complexo**. São Paulo: Ubu Editora, 2016. 216 p.

CARDOSO, Rafael. Design, cultura material e o fetichismo dos objetos. **Arcos**, v. 1, número único, p. 15-38, 1998. Disponível em <<https://almodotblog.files.wordpress.com/2017/04/design-cultura-material-e-fetichismo-dos-objetos.pdf>> Acesso em 03 abr. 2018

COSTA, Luciano Bedin da. Cartografia: uma outra forma de pesquisar. **Revista Digital do LAV**, [S.l.], p. 066-077, ago. 2014. ISSN 1983-7348. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/revislav/article/view/15111>>. Acesso em: 08 out. 2018. doi:<http://dx.doi.org/10.5902/1983734815111>.

CRUZ, Márcia Maria. **Regente do 'Então, Brilha!', o educador Di Souza milita pela diversidade musical do carnaval**, 2017, Disponível em <<http://www.uai.com.br/app/noticia/carnaval/2017/02/22/noticias->

carnaval,202200/regente-do-entao-brilha-di-souza-e-um-militante-do-carnaval.shtml>. Acesso em 23 set. 2017.

DaMATTA, Roberto. **Carnavais, Malandros e Heróis**, 6. ed. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1997, 351 p.

FERREIRA, Bárbara. **Vida noturna ganha destaque no baixo centro de BH** Jornal O Tempo, 2015. Disponível em <<http://www.otempo.com.br/cidades/vida-noturna-ganha-destaque-no-baixo-centro-de-bh-1.1200728>>. Acesso em 21 set. 2017.

FINIZOLA, Fátima. **Tipografia vernacular urbana: uma análise dos letreiramentos populares**, 5. ed. São Paulo: Editora Blucher, 2009, 110 p.

FRIEDMAN, K. Theory construction in design research: criteria, approaches, and methods. In: SHACKLETON, J.; DURLING, D. (Eds.) **CONFERENCE COMMON GROUND DESIGN RESEARCH SOCIETY INTERNATIONAL.**, 2002, Londres. Proceedings...Londres: DRS, 2002. p. 388-414.

HERNÁNDEZ, Maria C. I. **O design por não-designers: as ruas de Belo Horizonte como inspiração para o design**. 2014. 112 p. Dissertação (Pós-graduação em design) - Escola de Design, UEMG, Belo Horizonte, 2014.

JAYME, Juliana Gonzaga; TREVISAN, Eveline. Intervenções urbanas, usos e ocupações de espaços na região central de Belo Horizonte. In: **Civitas**, Porto Alegre, v.12, n. 2, p. 359-337, maio-ago., 2012

LOPES, Valquiria. **Arrudas atravessa a capital sufocado por esgoto industrial e doméstico**. Jornal Estado de Minas, 2013. Disponível em <[https://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2013/09/14/interna\\_gerais,448956/arrudas-atravessa-a-capital-sufocado-por-esgoto-industrial-e-domestico.shtml](https://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2013/09/14/interna_gerais,448956/arrudas-atravessa-a-capital-sufocado-por-esgoto-industrial-e-domestico.shtml)>. Acesso em 21 set. 2017.

MAPPING THE COMMONS. **Mapeando o comum em Belo Horizonte**. Disponível em <<http://mappingthecommons.net/pt/belo-horizonte/>>. Acesso em 21 set. 2017.

MOURA, Mônica. Design contemporâneo: poéticas da diversidade no cotidiano. In FIORIN, E; LANDIM, P. da C; LEOTE, R. da S. (orgs). **Arte-ciência: processos criativos**. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2015, p. 61-80. Disponível em <<https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/123646/ISBN9788579836244.pdf?sequence=1&isAllowed=y>> Acesso em 22 ago. 2018.

PREFEITURA DE BELO HORIZONTE. **Resumo da historia do carnaval em Belo Horizonte**, 2007, Disponível em <[portalpbh.pbh.gov.br/pbh/ecp/contents.do?evento=conteudo&idConteudo=44426&chPlc=44426&viewbusca=s](http://portalpbh.pbh.gov.br/pbh/ecp/contents.do?evento=conteudo&idConteudo=44426&chPlc=44426&viewbusca=s)>. Acesso em 22 set. 2017.

QUEIROZ, Maria Isaura de. **Carnaval brasileiro: o vivido e o mito**. São Paulo: Brasiliense, 1992.

RIUL, M.; SANTOS, M. C. Por uma nova cultura de design: diversidade cultural e encontro com sentidos socioambientais. Pós. **Revista do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da FAUUSP**, v. 22, n. 37, p. 146-164, 2 jun. 2015.

RODRIGUES, Léo. **Bloco Então Brilha colore centro de Belo Horizonte de rosa e amarelo**, Belo Horizonte, 2017 Disponível em <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2017-02/bloco-entao-brilha-colore-centro-de-belo-horizonte-de-rosa-e-amarelo>>. Acesso em 23 set. 2017.

SOARES F. B. F.; CHAVES, M. P.; NEVES, B.; RENA, N. **Zona Cultural Praça da Estação, Belo Horizonte**: conflitos entre estratégias de gentrificação do Estado-capital e táticas anti-gentrificação de movimentos sociais. V!RUS, São Carlos, n. 14, 2017. Disponível em: <<http://www.nomads.usp.br/virus/virus14/?sec=4&item=12&lang=pt>>. Acesso em 21 set. 2017.

TREVISAN, Eveline Prado. **Transformação, ritmo e pulsação**: o baixo centro de Belo Horizonte. 2012. 178 f. Dissertação (Mestrado). Programa de pós-graduação em Ciências Sociais. Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012.

VILLAS-BOAS, André. **Identidade e cultura** - Design Gráfico, 2. ed. Teresópolis: Editora 2AB, 2009, 175 p.